

RINO LEVI

Estive apenas uma vez pessoalmente com o arquiteto, escritor, pesquisador, editor, professor (melhor parar, o sujeito é do multiverso) Abílio Guerra. Com reunião marcada na sede do Instituto Pólis, aproveitei que estava hospedado próximo ao Mackenzie para visitar a sede da Editora Romano Guerra, da qual tenho em minha biblioteca a maioria dos livros publicados sobre a arquitetura moderna brasileira e outros textos seminais da arquitetura e urbanismo. Foi uma conversa rápida e produtiva, sobre a completa impossibilidade que vi em publicar um livro sobre a história da arquitetura de Franca com a qualidade e competência editorial reunida em sua pequena editora, que já lhe deu vários prêmios, inclusive o cobiçado Jabuti. Estou concluindo o livro, mas dentro das poucas possibilidades e recursos aqui da província.

Pouca gente sabe, mas o araraquarense Abílio que virou paulistano tem uma vida múltipla e onipresente. Foi dos poucos brasileiros que participou de uma das mais belas noites da história do rock, o concerto em homenagem a George Harrison no Royal Albert Hall em Londres, na noite de 29 de novembro de 2002. Foi uma apresentação discreta na banda de apoio, mas tocar ao lado de Clapton, McCartney, Ringo, Jeff Lyne, Gary Brooker, não é para qualquer um. Abílio é professor da graduação e pós-graduação da arquitetura e urbanismo da Universidade Mackenzie. Mantém o site Vitruvius, uma das mais longevas e bem sucedidas iniciativas nesse campo e a editora Romano Guerra, com grande repercussão de seus títulos. Escreve ficção e crônicas, como as do Ciclista Prateado, causando inveja a um leitor de quadrinhos do Surfista Prateado como eu.

Recentemente, criou um centro de cultura chamado Marieta, voltado para o pensamento contemporâneo, onde promove ciclos de debates e discussões sobre variados aspectos da arte e da cultura. Nem sempre consigo acompanhar as discussões pela sua erudição e vanguardismo mas em minha ignorância, iniciativas do gênero são um bálsamo nesse país. Por isso, apoiei uma de suas iniciativas, a de republicar o esgotado livro “Rino Levi”, publicado originalmente em 2001. Escrito por Abílio e Renato Anelli, outro talentoso professor e pesquisador da USP, o livro apresenta a obra de Rino Levi, um dos mais importantes arquitetos brasileiros do século XX.

Já tinha lido um livro italiano sobre Levi e conhecia algumas de suas obras, como o edifício Prudência na Avenida Higienópolis, o Café Jardim que via da janela do ônibus quando ainda estudante ia trabalhar em Santo André, a residência Castor Perez que virou galeria de arte, o banco Sul-Americano na Avenida Paulista, todas em São Paulo, as obras feitas para a família Gomes dos “Cobertores Parahyba” em São José dos Campos, o centro cívico de Santo André. Mas o livro editado por Abílio é maravilhoso: são imagens antigas, plantas, fotos e desenhos coroados por um texto fluente, explicações precisas e ainda alguns ensaios em cor de algumas obras pelo grande fotógrafo de arquitetura Nelson Kon.

Livros são produtos culturais. Mas alguns, como esse sobre Rino Levi, são daqueles clássicos de mesinha de centro, um deleite para quem gosta de arte, arquitetura e acha que as cidades em que vivemos seriam bem melhores se os “rinóis levis” pudessem trabalhar para melhorá-las e conservar suas qualidades. É uma pena e uma mostra do desprezo que o capitalismo

desenfreado tem pela arte saber que tantas dessas obras maravilhosas foram demolidas ou descaracterizadas. Em tempo: peço perdão a Andy Fairweather-low: em minha defesa, o escritor argentino Júlio Cortázar disse que Caetano e Bethânia eram a mesma pessoa.

Mauro Ferreira é arquiteto